



## EDITORIAL RCH 13 anos

### Anderson da Silva Almeida

Anderson da Silva Almeida é professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Foi um dos vencedores do Prêmio Memórias Reveladas do Arquivo Nacional (2010) e finalista do Prêmio Jabuti de Literatura (2018). Possui graduação em História pela Universidade Católica do Salvador (BA), Especialização, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua como pesquisador da ditadura civil-militar no Brasil, com abordagens que dialogam com as Memórias, Literatura, Biografias e Artes.

 [orcid.org/0000-0002-8532-851](https://orcid.org/0000-0002-8532-851)

 [10.28998/rchv13n26.2022.0001](https://doi.org/10.28998/rchv13n26.2022.0001)



“Sem leme, mapa ou tesouro”

“...rio abaixo, rio acima, rio a fora, rio a dentro”

A Revista Crítica Histórica (RCH) chega ao seu volume 13, nº 26, entre as duas margens do rio; ou, a melhor dizer – como no conto de Guimarães Rosa – na terceira margem.

Criada em 2010 por iniciativa da professora Irinéia Maria Franco dos Santos, a RCH encerra o seu 13º ano mirando a linha do horizonte de 2023. A linha não estática, sempre em movimento, vista a partir do jogo das embarcações. Não teria momento melhor para homenagearmos nossa idealizadora.

Um Dossiê Especial sobre o rio São Francisco, organizado pelos professores José Vieira da Cruz (Universidade Federal de Sergipe/PROFHISTÓRIA-UFS/PPGH-UFAL) e Pedro Abelardo Santana (Universidade Federal de Alagoas/PPGH-UFAL/PROHIS-UFS) nos leva de volta à nascente do nosso protagonista. Assim como Guimarães e o “Velho Chico”, Irinéia Santos veio das Gerais e ancorou seu barco nas Alagoas, trazida, quem sabe, pelas águas do Opará, o “riomar” dos povos originários. Não é coincidência que é justamente entre Alagoas e Sergipe que Opará encontra o mar.

Nesses breves e longos 13 anos, a navegação não foi solitária. Passaram também pela editoria principal as professoras Ana Paula Palamartchuk, Michelle Reis de Macedo e o professor Osvaldo Maciel, revezando como timoneiras, grumetes e calafates, contando com as devidas forças “beiradeiras” de pareceristas externos/as, revisores/as e integrantes do PPGH-UFAL, ancoradouro atual da embarcação após a RCH ter partido do cais de origem - o Centro de Pesquisa de Documentação Histórica (CPDHis) - no já referido ano de 2010. Contribuíram de maneira mais próxima, tanto em questões técnicas quanto em questões acadêmicas, as professoras Flávia Maria de Carvalho e Raquel de Fátima Parmegiani. Somou-se à tripulação, em períodos distintos, este que vos escreve, como também os professores Elias Ferreira Veras (Editoria de Resenhas) e, mais recentemente, Luana Teixeira (Editoria de Dossiês e responsável pela nova diagramação) e Danilo Luiz Marques.

Nos últimos quatro anos (2019-2022), ao atravessar procelas e tempestades da política nacional – cujo personagem principal, Jair Messias Bolsonaro, atacou publicamente pesquisadoras e pesquisadores e, implementou, sem máscaras, uma política de desmonte das instituições científicas do País – a RCH se manteve atuante, dia e noite, quer em temperaturas quentes ou frias, com ou sem vento. Para isso, foi de suma importância o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), através de editais próprios dedicados aos periódicos.

Ousamos a dizer que errou o poeta português ao decretar que “navegar é preciso”, no sentido de que há uma precisão dos navegadores em relação aos portos que desejam alcançar. Por muito tempo achei que o “preciso” de Fernando Pessoa era sinônimo de “necessário”. Bem que poderia ser. Aí sim, teríamos total acordo com o bardo lusitano. Mas não. Ao contrário do que bradou Pessoa, navegar em tempos sombrios é imprecisão, angústia, adoecimento, “sem leme, mapa ou tesouro”, tal qual cantou Geraldo Azevedo na belíssima “Barcarola do São Francisco”.

Apesar de tudo, com a força e a sede dos marujos (Ivan Lins), na busca de um amor desvalido em cada porto (Adriana Calcanhoto), a contar, mais uma vez, com Irinéia Santos na função de timoneira, a RCH, em pleno período pandêmico da Covid-19, foi reconhecida pelos órgãos avaliadores e hoje está entre as principais revistas acadêmicas de História no País. Obviamente, números são números. Critérios estão sempre sub júdice e os mecanismos de avaliação estão constantemente sujeitos a críticas e na busca do necessário aperfeiçoamento. Como deve ser. Entre um B5 e um A3 – estrato atual da RCH – há inúmeras margens, estradas líquidas, areias submersas a se movimentar e vidas aquáticas sempre em mutação. O rio é isso: estrada, alimento, sofrimento, provimento, conflitos, naufrágios, resgates e fainas.

Mas... o rio também é festa, procissão, batuque, sinais que se alumiam no horizonte que se aproxima. Já avistamos nosso 14º aniversário, na esperança de que 2023 inaugure uma nova quadra para a Educação, a Ciência, os Direitos Humanos e a Consciência Histórica. É com essa esperança equilibrista, do esperar de Paulo Freire, que a partir desse número assumo o compromisso desafiador como editor da embandeirada embarcação chamada Revista Crítica Histórica.

Agradeço à Irinéia Santos pela confiança e às/aos pares do PPGH pelo incentivo e apoio. Naveguemos juntos/as/es/. Lavemos os olhos sujos, marejados, e sigamos nas travessias na barcarola do São Francisco, com o desejo gonzagueano de “bater no meio no mar”. Conto com vocês nesse pelejar, sob a proteção das carrancas, “... nessa água que

não para, de longas beiras: [...] rio abaixo, rio acima, ria a fora, rio a dentro”, como no conto de Guimarães Rosa.

*Pelo Conselho Editorial*  
Anderson da Silva Almeida  
Maceió/AL, Itabaiana/SE  
dezembro, 2022.